

A APROPRIAÇÃO DO SABER E O ARBITRÁRIO SOCIAL EM PIERRE BOURDIEU

HE APPROPRIATION OF KNOWLEDGE AND THE SOCIAL ARBITRATION IN PIERRE BOURDIEU

Noádia Munhoz Pereira¹

noadia.pereira@ufu.br

Resumo

A particularidade do capital cultural legitima a natureza do campo científico ao introduzir a classe dominante no campo da luta de classes. A dispersão espacial e temporal do trabalho fragmenta as esferas da vida social e conseqüentemente a produção do conhecimento desde a Revolução de Copérnico. Neste sentido, faz-se necessário problematizar o que justifica as diferenciações de simbologias de um campo, como, por exemplo, o sistema de classificação de um campo arbitrário em que se denota a exclusão, a exploração, a hierarquia e a segmentação de um arbitrário social. O paradoxo do capital científico difundiu o status da ciência competente mundializada e fragilizou a força geradora do conhecimento científico e principalmente da identidade docente. Portanto, a perda do sentido laboral conduz para a formação de novas características nas relações de trabalho ao evidenciar a radicalização da profissionalização da docência e a uniformização da identidade docente.

Palavras chave: capital cultural; arbitrário social; identidade docente.

Resumen

La particularidad del capital cultural legitima la naturaleza del campo científico al introducir la clase dominante en el campo de la lucha de clases. La dispersión espacial y temporal del trabajo fragmenta las esferas de la vida social y consecuentemente la producción del conocimiento desde la Revolución de Copérnico. En este sentido, se hace necesario problematizar lo que justifica las diferencias de simbologías de un campo, como, por ejemplo, el sistema de clasificación de un campo arbitrario en el que se denota la exclusión, la explotación, la jerarquía y la segmentación de un arbitrario social. La paradoja del

¹ Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e membro integrante do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade GPTES/UFU. Doutora pela mesma instituição.

capital científico difundiu el estatus de la ciencia competente mundializada y fragilizó la fuerza generadora del conocimiento científico y principalmente de la identidad docente. Por lo tanto, la pérdida del sentido laboral conduce a la formación de nuevas características en las relaciones de trabajo al evidenciar la radicalización de la profesionalización de la docencia y la uniformidad de la identidad docente.

Palabras clave: capital cultural; arbitrarios sociales; identidad docente.

A APROPRIAÇÃO DO SABER E O ARBITRÁRIO SOCIAL EM PIERRE BOURDIEU

A sociedade do conhecimento transformou a ciência do século XXI em força produtiva, o conhecimento e a informação passaram a compor o próprio capital o qual depende disso para a sua acumulação e reprodução.

Segundo a lógica da mundialização do capital científico repousa a condição oposta de defesa de uma verdade científica, mas ao mesmo tempo impõe uma definição de ciência, que deve ser capaz de problematizar, impor métodos, e teorias que podem ser considerados científicos. A sociologia da ciência ocupa o lugar nesse jogo pela busca da competência científica, entretanto privilegia alguns interesses em detrimento de outros, as inclinações preenchem com satisfação o que podemos chamar de interesses dos dominantes de um determinado campo científico² no campo da luta de classes.

Na modernidade os diferentes tipos de pesquisa e trabalho científico colaboram para a maximização do lucro científico para obtenção de reconhecimento, métodos são empregados para verificar de imediato os resultados os quais a sociedade capitalista deve essencialmente produzir de posse de sua maior autonomia de campo científico, sendo que, seus méritos são avaliados de acordo com a reputação, o prestígio, a autoridade e a competência, assim, cabem aos dominantes

² A lógica segundo a qual a ciência engendra seus próprios problemas e, uma análise externa, que relacionaria esses problemas às condições sociais de seu aparecimento; e o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas, constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas. (BOURDIEU, 1976, p.5)

definirem sua ciência segundo a eficiência que sua legitimidade lhe confere ao ter, ser e fazer de sua eficácia normativa. A particularidade do capital legitima a natureza do campo científico ao introduzir a classe dominante no campo da luta de classes. A dispersão espacial e temporal do trabalho na modernidade fragmenta as esferas da vida social e conseqüentemente a produção do conhecimento.

A crise como um todo do sistema capitalista é condicionada às tensões e efeitos de cunho econômico mundial e em permanente contradição. Quando a crise se agudiza ela se espalha ameaçando não apenas a organização produtiva e a divisão do trabalho, mas a própria reprodução do capital. É nesse ponto de análise do autor que pode-se inferir que a continuidade da reprodução da crise substitui os modos de produção e maximiza a produção do lucro. Essa dialética da crise do capital reproduz sob a barbárie a produção da ciência e tecnologia.

Para Dowbor (1981) as crises têm raiz no sistema injusto de distribuição da renda no quadro do capitalismo, a passagem de contradições capitalistas para a área internacional aprofunda a crise e a divisão internacional do trabalho, como se reproduzem os lucros e salários dentro da atual economia capitalista mundial é o ponto nevrálgico da mobilidade imperfeita do capital.

Dentro ou fora do campo científico, sob certas condições de expropriação, a própria lógica do campo na medida em que serve aos interesses dos dominantes comete o arbitrário, o desfavorável, o interesse privado em favor do progresso da ciência, mas não tão obstante esse *arbitrário social*³ não deixa de revelar os reais interesses da mundialização do capital científico, pois se universaliza o interesse antes desinteressado da ciência social. O produto científico transforma-se em agente de combate e dominação frente aos seus concorrentes, os quais, o avaliam e o colocam inseridos em

³ Dependendo do grau de autonomia do campo com relação às determinações externas, é maior a parte de arbitrário social englobada ao sistema de pressupostos constitutivos do campo considerado. Isto significa que, no espaço abstrato da teoria, qualquer campo científico – o das ciências sociais ou da matemática, hoje, ou o da alquimia ou da astronomia matemática do tempo de Copérnico – pode estar situado em algum ponto entre os dois limites representados, de um lado pelo campo religioso (ou o campo da produção literária), no qual a verdade oficial nada mais é do que a imposição legítima (isto é, arbitrária, e não reconhecida enquanto tal) de um arbitrário cultural exprimindo o interesse específico dos dominantes – dentro do campo e fora dele – e, de outro lado, por um campo científico que baniria qualquer elemento arbitrário (ou de não-pensado) social e onde os mecanismos sociais realizariam a imposição necessária das normas universais da razão. (BOURDIEU 1976, p.26)

determinado padrão de qualidade conferida intencionalmente para a apropriação e acumulação desse mesmo capital científico. Os instrumentos de apropriação são fortemente sentidos pelos mecanismos institucionais de estruturação curricular e suas matrizes de estratégia de ação, política e transformação social.

Segundo esse viés e na perspectiva da apropriação do saber socialmente desinteressado o veículo de disseminação da ciência não deve procurar os entendimentos do capital científico hoje contaminado⁴ pelas incertezas do universo de interesses econômicos em disputa no sistema capitalista.

Para Sérgio Miceli, Bourdieu (2007) deixa claro em sua obra que a legitimação de uma sociedade depende da percepção dos mecanismos sociais que lhe são impostos e das circunstâncias em que são apresentados. Vejamos. O trajeto de Bourdieu visa aliar o conhecimento da organização interna do campo simbólico - cuja eficácia reside justamente na possibilidade de ordenar o mundo natural e social através de discursos, mensagens e representações, que não passam de alegorias que simulam a estrutura real de relações sociais – a uma percepção de sua função ideológica e política e legitimar uma ordem arbitrária em que se funda o sistema de dominação vigente. (MICELI, 2007, p.14)

A sociedade capitalista e sua complexa divisão do trabalho diz respeito às formas nas quais a sociedade se subdivide em classes e, portanto, formulam-se as posições, os sistemas de condições e concepções de classe. A seguir vejamos a explicação do autor para tal situação:

Levar a sério a noção de estrutura social supõe que cada classe social pelo fato de ocupar uma posição numa estrutura social historicamente definida e por ser afetada pelas relações que à unem às outras partes constitutivas da estrutura, possui propriedades de posição relativamente

⁴ Significa que: a universidade abandona a formação e a pesquisa para lançar-se na fragmentação competitiva. Mas porque ela o faz? Porque está privatizada e a maior parte de suas pesquisas é determinada pelas exigências de mercado, imposta pelos financiadores. Isso significa que a universidade pública produz um conhecimento destinado à apropriação privada. Essa apropriação, aliás é inseparável da mudança profunda sofrida pelas ciências em sua relação com a prática. (CHAUÍ 2003, p.24)

independentes de propriedade intrínsecas como por exemplo um certo tipo de prática profissional ou de condição materiais de existência. (BOURDIEU 2007, p. 34)

Esse sistema vigente informa e justifica as diferenciações de simbologias de um campo, como, por exemplo, o sistema de classificação de um campo arbitrário em que se denota a exclusão, a exploração, a hierarquia e a segmentação de um arbitrário social. Quando o conhecimento estabelece essas relações simbólicas, ideológicas e políticas em favor dos interesses dominantes a concepção do arbítrio social comete o desfavorável que é a impossibilidade de ordenar o conhecimento aproximando do sistema de ensino e de demonstração da subdivisão das classes.

A palavra derivada de capitalismo, isto é, capital⁵, mundializou-se por um elenco de motivos que oscilam pela importância de medir os avanços e transformações na economia e outrora por novas caracterizações de dominação de uma economia que desponta em nível mundial. Ao mensurar o alcance de influência desse capital estamos afirmando sua colocação, papel, demanda, competitividade, adequação, potência, enfim, sua dominação mundial. Assim, o conceito de economia mundial, ou mundializada, é definido pelo sistema de relações de produção e de relações de troca que abrangem o mundo todo e suas posteriores implicações conceituais tais como, de capital financeiro, monopólios, multinacionais, internacionalização, transnacionalização, superprodução, divisão do trabalho, modo de produção, barbárie, irracionalismo, concentração/centralização, divisão internacional do trabalho⁶, dentre outros fenômenos da

⁵ O conceito da expressão é: —o capital, como uma gigantesca força social de incidência mundial – no contexto do qual nem mesmo mais o produto é livre para produzir o que quer – assume em definitivo uma dimensão institucional que extrapola o controle dos agentes individuais (capitalistas, cidadãos ou nações) e se impõe sobre os mesmos como uma força autônoma, um fetiche, enfrentando a sociedade e o mundo como — coisal, como —sistemat. Vive-se o domínio da riqueza concentrada em mãos do capital centralizado, da propriedade privada do mundo pelo grande capital, do capital social como um gigantesca —cia Ltdall, da consolidação universal do industrialismo; mas também das crises globais, da —epidemiasl de super-produção e do subconsumo, do desemprego estrutural, da massificação da miséria, da fome e da violência. Enfim, da subordinação barbarizada de todo trabalho humano, em todo o globo – de todas as raças, credos e nações – a um mesmo e único senhorl. (MELLO 2000, p.143)

⁶ A linha de produção agora se move não mais por meio de hangares gigantes situados num único e simples terreno, mas através do globo. (MELLO, 2015, p.42 apud HOBSBAWN, 1995, p. 280).

expansão do capital de mercado mundial. (CHESNAIS, 1996, p.40-81) e (MELLO, 2000, p.116-124)

Haja vista, essa dominação político-social do capitalismo começa a tornar-se mais crítica nos tempos atuais, por isso, é prudente conceituar com mais cautela o termo mercado. O termo mercado é a palavra que serve hoje para designar pudicamente a propriedade privada dos meios de produção; a posse de ativos patrimoniais que comandam a apropriação sobre uma grande escala de riquezas criadas por outrem; uma economia explicitamente orientada para os objetivos únicos de rentabilidade e de competitividade e nas quais somente as demandas monetárias solventes são reconhecidas. (CHESNAIS 2000, p.7)

Ao pesquisar o movimento do capital mundializado notamos que qualquer que tenha sido sua definição de abrangência do ponto de vista geográfico⁷ o fator, determinante reside no conceito de capital científico aplicado a modalidade educacional, de modo que, a capacidade de investir e desinvestir, a capacidade de valorizar ou não, lucrar, comprometer, atribuir, formar, intervêm sobremaneira na produção e valorização da ciência.

A natureza econômica do trabalho pela ciência fora comprometida pela lógica do universo da economia que assume aqui duplo sentido, ou seja, o ganho político e/ou o ganho econômico⁸. O comprometimento reside em passar por cima das questões sociais que engendram as questões fundamentais das relações transnacionais, à multiplicação das inovações, o espaço cibernético, a transposição de barreiras geográficas, a criação de novos espaços, a ampliação do lucro, a

⁷ A geografia do capitalismo é cada vez mais autoproduzida, novos espaços e relações espaciais estão sendo veiculados constantemente sendo que os capitalistas e os processos de acumulação do capital têm um papel ativo na alteração dessa configuração. As mudanças ambientais de longo prazo provocadas pela ação humana trazem danos e espalham resíduos tóxicos para todas as formas de vida. O panorama mundial de crise atingiu até mesmo os ‘brotos verdes’ de recuperação econômica da Ásia oriental. O alto fluxo migratório é oscilante e a população varia de um lugar para o outro, assim como, o capital, que é caracterizado em pleno século XXI de capital flutuante. (HARVEY, 2011, p.117-150).

⁸ ... o fetichismo inerente à mercadoria e ao dinheiro parece ter sido contido durante algumas décadas com a ajuda das instituições sociais e políticas que comprimiram o capital em um quadro nacional, a mundialização do capital apresenta-se como sendo o quadro onde a relação social dos produtores no conjunto do processo do trabalho aparece mais uma vez e com uma força renovada como uma relação social externa a eles, uma relação entre objetos. (CHESNAIS 2000, p.9)

racionalização da produção, a adaptação dos comportamentos às novas circunstâncias, o empreendedorismo, as microempresas, o crescimento do mercado informal, o fluxo do capital rentável, o ócio, o individualismo exacerbado, o consumismo, o incentivo ao entretenimento, o apego a futilidades, são apenas algumas características da natureza econômica do trabalho segundo o ponto de vista da mundialização do capital científico.

Para participar desse mercado efêmero, a literatura, por exemplo, abandona o romance pelo conto, os intelectuais abandonam o livro pelo paper, o cinema é vencido pelo videoclipe ou pelas grandes montagens com ‘efeitos especiais’. Para a ideologia pós-moderna, a razão, a verdade e a história são mitos totalitários; o espaço e o tempo são sucessão efêmera e volátil de imagens velozes e a compressão dos lugares e instantes na irrealidade virtual, que apaga todo o contato com o espaço-temporal enquanto estrutura do mundo; a subjetividade não é a reflexão, mas a intimidade narcísica, e a objetividade não é conhecimento do que é exterior e diverso do sujeito, e sim um conjunto de estratégias montadas sobre jogos de linguagem, que representam jogos de pensamento. A história do saber aparece como troca periódica de jogos de linguagem e de pensamento, isto é, como invenção e abandono de paradigmas, sem que o conhecimento jamais toque a própria realidade. (CHAUI 2003, p.11)

A mundialização geograficamente volátil cria relações sociais e sistemas de produção marcados por rearranjos políticos distintos no que diz respeito a maneiras de viver e suas sociabilidades, no entanto, a situação da classe trabalhadora basicamente fica reduzida a espaços evolutivos estressantes e conflituosos o que em nada contribui para a qualidade estrutural da sociedade como um todo. Chamo a atenção principalmente para o âmbito do trabalho educacional, especificamente produto da ciência, o qual fica a margem, sujeito a uma sociabilidade educacional periférica reduzida a espaços tensos e contraditórios de relações de poder entre a política e a economia.

Efetivamente, a força da ideologia neoliberal se apoia em uma espécie de neodarwinismo social: são —os melhores e os mais brilhantes!, como se diz em Harvard, que triunfam. Por trás da visão mundialista da internacional dos dominantes, há uma *filosofia da competência*, segundo a qual são os mais competentes que governam, e que têm trabalho, o que implica que aqueles que não têm

trabalho não são competentes. (...) Para o sofrimento social, contribui em grande medida a miséria do desempenho escolar que não determina apenas os destinos sociais, mas também a imagem que as pessoas fazem desse destino. (...) Porque se passou do intelectual engajado ao intelectual descolado? Em parte porque os intelectuais são detentores de capital cultural e porque, mesmo que sejam dominados pelos dominantes, fazem parte dos dominantes. É um dos fundamentos de sua ambivalência, de seu tímido engajamento nas lutas. Eles participam confusamente dessa ideologia da competência. (BOURDIEU, 1998 p 35 grifos).

A esse processo educacional destacamos que a função da ideologia consiste em pensar o que devemos pensar e como devemos pensar o que devemos e como devemos valorizar sentir, fazer, enfim, a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações, idéias, valores e condutas e dissemina para toda a sociedade as ideias e os valores da classe dominante que por sua vez, são tomadas como universais para todas as classes sociais. A educação não deve, portanto, ocultar a divisão social das classes e nem legitimar o discurso competente, pois se assim o fizer irá contribuir para exigências e demandas das organizações empresariais, isto é, do capital, configurando o que podemos denominar de o empresariamento da educação. Vejamos:

Se reunirmos o discurso competente da organização e o discurso competente dos especialistas, veremos que estão construídos para assegurar dois aspectos hoje indissociáveis no modo de produção capitalista: o discurso da organização afirma que só existe racionalidade nas leis do mercado; o discurso do especialista afirma que só há felicidade na competição e no sucesso de quem a vence. Na medida em que essa ideologia está fundada na desigualdade entre os que possuem e os que não possuem o saber técnico-científico, este se torna o lugar preferencial da competição entre indivíduos e do sucesso de alguns deles contra os demais. Isso se manifesta não só na busca do diploma universitário a qualquer custo, mas também na nova forma assumida pela universidade como organização destinada não só a fornecer diplomas, mas também a realizar suas pesquisas segundo as exigências e demandas das organizações empresariais, isto é, do capital. Dessa maneira, a universidade alimenta a ideologia da competência e despoja-se de suas principais atividades: a formação crítica e a pesquisa. (CHAUÍ, 2014, p.58)

O capitalismo tornou a ciência uma força produtiva e mais um agente de acumulação do capital, sendo que, os cientistas e pesquisadores tornaram-se fragmentos econômicos e força geradora do conhecimento e da informação diretamente convertida em matéria-prima no setor de serviços e prestação de serviços educacionais. Como consequência tem-se a desvalorização das classes sociais, o aumento da pobreza, a dispersão da comunidade científica, aceleração da qualificação, desqualificação de mão-de-obra, proliferação do setor de serviços, desregulamentação econômica e formação de monopólios financeiros mundiais.

O esboço dessa realidade determina traços importantes para as instituições universitárias que se veem corrompidas pela aceleração do espaço-tempo do capital financeiro. Haja vista que a conhecida universidade operacional⁹ se esmera em adestrar a rápida transmissão do conhecimento em que desaparece a formação crítico reflexiva e a pesquisa é reduzida a meios estratégicos e a fins específicos e limitantes, modifica-se o anseio pela pesquisa investigativa, interrogativa, crítica e destinada à transformação dos problemas e dificuldades em soluções criadoras.

⁹ É aquela universidade regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. Definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e a formação intelectual, está pulverizada em micro organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual. A heteronomia da universidade autônoma é visível a olho nu: o aumento insano de horas/aula, a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios etc. Nela a docência é entendida como transmissão rápida de conhecimentos, consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência ricos em ilustrações e com duplicata em CD-ROM. O recrutamento dos professores é feito sem levar em considerações se dominam ou não o campo de conhecimentos de sua disciplina e as relações entre ela outras afins – o professor é contratado ou por ser um pesquisador promissor que se dedica a algo muito especializado, ou porque, não tendo vocação para a pesquisa, aceita ser escorçado e arrojado por contratos de trabalho temporários e precários-ou melhor _flexíveis_. A docência é pensada como habilitação para rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois se tornam, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis; ou como correia de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação (CHAUÍ 2003, p. 7).

Ao deixar a universidade de ser instituição na produção da pesquisa desenvolve-se a crise¹⁰, são vários os tipos de crises, sobretudo nas universidades públicas dos países centrais, mostrando suas ambiguidades e contradições em seu perfil. Os elementos constitutivos da crise na universidade não são os mesmos elementos da crise do capitalismo, sendo assim, o que compõe as crises na universidade são as contradições entre a função social a ser desempenhada pela universidade versus as exigências político-econômicas da sociedade capitalista.

Nos últimos dez anos aprofundou-se a descapitalização das universidades públicas brasileiras. Para Santos & Almeida Filho (2008) tal fato ocasiona a indução de uma crise financeira estrutural devido a perda de prioridade da universidade pública em ser bem público gerido pelo Estado. Suas debilidades são apresentadas, sobretudo na desestruturação de recursos humanos do quadro de acumulação primitiva transferindo para o setor privado, assumindo funções de natureza lucrativa, optam esses professores universitários a migrarem precocemente para uma universidade privada.

Os autores chamam a atenção para dois fatores marcantes das ambiguidades e contradições no perfil da universidade pública brasileira, que são: a) o desinvestimento do Estado na universidade pública e b) a globalização mercantil da universidade¹⁴. Assim, o capital científico é mundializado pelo simples fato de acentuar as contradições do capital, que são por sua vez, caracterizadas por crises específicas na universidade pública, na difusão da pesquisa, no status da ciência e principalmente por aprofundar as ambiguidades em seu perfil organizacional e institucional nos últimos dez anos. Portanto a mundialização do capital cultural

¹⁰ As crises resultam de contradições do desenvolvimento do capitalismo e são inúmeros os fatores de indução da crise, para Santos (2008) as crises podem ser de hegemonia, de legitimidade e institucional. A primeira crise desenvolve-se pela incapacidade da universidade em desempenhar cabalmente funções contraditórias por meio do Estado versus agentes econômicos sendo levada a procurar fora da universidade meios alternativos de atingir seus objetivos, assim, ela deixa de ser a ‘única’ instituição no domínio do ensino superior e na produção da pesquisa aí então entra em crise de hegemonia. A crise de legitimidade é provocada pelo fato de a universidade ter deixado de ser uma instituição consensual em face da contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições de acesso e da credenciação das competências, por um lado, e as exigências sociais e políticas da democratização da universidade e da reivindicação da igualdade de oportunidades para os filhos das classes populares, por outro. Por último, a crise institucional resulta da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição de valores e objetivos da universidade e a pressão crescente para submeter esta última a critérios de eficácia e produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social. (p.14)

descaracteriza o sentido público da universidade e produz nefastos percalços a propagação da ciência ao contar com o prestígio da sua relevância para a sociedade.

Sem dúvida a globalização da ciência transforma o desempenho da economia atual transforma os velhos e novos problemas da flexibilidade do mercado de trabalho que agora se tornou novos problemas o qual a convenção permite denominar de rigidez dos salários reais ou do mercado de trabalho. A crise do sistema monetário internacional pós-segunda guerra mundial somada à crise do petróleo consolida um novo monopólio e por outro lado o aprofundamento da miséria. A educação encontra-se concentrada e estática nesse processo de intensas transformações, a instituição educativa amorfa, mofa, sucumbe frente às determinações de falta de condições, cabe a ela num primeiro momento apresentar as possibilidades e converter as dificuldades em passos para uma nova caminhada. A globalização da ciência percorre esse caminho carregando profundas marcas desses antagonismos entre o trabalho desumanizante e a educação limitante.

Sabemos dos malefícios ao conhecimento teórico científico e ao modismo de forte apelo a praticidade, encerra-se na crítica ao pragmatismo exacerbado de utensílios, vestuários e armamentos adotados por longas décadas ao universo educacional. A universidade amplifica esse viés operando os limites e possibilidades frente ao surgimento do automatismo da inteligência artificial, trazendo para reflexão as alterações paradigmáticas na concepção do conhecimento científico. Um modelo definido pela ciência e que é universal, ou seja, considerado um saber que serve de paradigma para todas as outras ciências. Esse é o papel da universidade em sua função dialética de intervenção ao chamado esclarecedor do colapso da modernização.

O tempo e o espaço do mundo virtual é atemporal, sensorial e invisível. Quando falamos de reforma educacional, abrigamos administração pública, os serviços sociais em negligência, a qualificação dos dirigentes políticos e nós onde nos inserimos? Somos agentes de uma profissão munida de grito ou identificada pelo 'silêncio dos intelectuais'. O paradoxo educacional midiático é resultado do silenciamento mencionado em perguntas invasivas ou respostas fora de contexto. O rádio, o cinema e a televisão fomentam esse silêncio com grande inventividade e muitas das vezes distante do real.

A relação estabelecida e a sua intersubjetividade se esclarecem quando da relação didático-pedagógica entre aluno e professor. O processo de ensino e aprendizagem conduz uma reflexão contextual sobre as epistemologias docentes, aprofundando um processo de autoconhecimento e de partilha sobre a condição universitária. Iniciamos uma análise geral sobre as mudanças nas universidades, deixando uma interrogação crítica sobre a inércia da pedagogia. Concluímos, pois com um apontamento sobre a importância dos professores e a necessidade de trazer a pedagogia para o centro do debate universitário, criando as condições para que a profissão se exerça num quadro de grande liberdade acadêmica entre as licenciaturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A miséria do mundo*. Com contribuições de A. Accardo. [et.al]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção estudos; 20/ dirigida por J. Guinsburg).
- BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Maria Alice Nogueira & Afrânio Catani (orgs). 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Coleção Ciências Sociais da educação)
- BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Les Editions de Minuit, 1ª edição. Paris, 1961.
- BOURDIEU, Pierre. *Lições de aula*. Tradução: Égon de Oliveira Rangel. 2ª edição, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. (1930) *Meditações pascalinas* Tradução Sérgio miceli. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001 (324p)
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand Brasil S.A, 1989. 299p.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denise Barbara Catani. Editora UNESP. São Paulo. 1ª edição, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Para uma sociologia da ciência*. Edições 70 Editions Raisons d'Agir, 2001. Tradução: Pedro Elói Duarde, 2004. 159p.

- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9ª edição. Papirus Editora. Tradução Mariza Correa. 2008. (223p)
- BOURDIEU, Pierre. (1930) *Sociologia*. Renato Ortiz (orgs). Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)
- BOURDIEU, Pierre. (1930-2002) *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. / Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron (orgs): tradução e Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. / Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon, Jean-Claude Passeron; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *A ideologia da competência*. André Rocha (org). Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. *A universidade pública sob nova perspectiva*. In: Revista Brasileira de Educação, set-dez, n. 24. ANPED, São Paulo (pp. 5-15), 2003.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*; tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHESNAIS, François. *Mundialização: o capital financeiro no comando*. In: Revista o capital financeiro no comando. Out. (p.7-28), 2000.
- CUNHA, Luiz Antonio. *A universidade reformanda: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior*. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2007
- DOWBOR, Ladislau. *Introdução teórica a crise: salários e lucros na divisão internacional do trabalho*. Unicamp: centro de documentação. Instituto de Economia, Editora Brasiliense, 1981
- HARVEY, David. *O enigma do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MELLO, Alex Fiuza de. Teorias do neo-imperialismo: raízes da teoria marxista do capitalismo mundial. In: *Revista Estudos de Sociologia*. 2015. Disponível em: <https://portaltrabalho.wordpress.com.br>.

- MELLO, Alex Fiuza de. *Capitalismo e mundialização em Marx*. São Paulo: Perspectiva; Belém: SECTAM – Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, 2000. (Debates:279)
- MELLO, Alex Fiuza de; ALMEIDA FILHO, Naomar & RIBEIRO, Renato Janine. Por uma universidade socialmente relevante. In: *Revista 53ª Reunião Anual SBPC*. Salvador/Bahia, julho, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa & ALMEIDA FILHO, Naomar. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra, outubro, 2008 [impresso]